

Fanzine editada por ocasião do projecto *A câmara é o corpo* Descola 2019/2020, Agrupamento de Escolas D. Dinis, Marvila; Galerias Municipais, Lisboa.

EGEAC

galerias municipais

AEDD

Realizada em paralelo com *13 Ways of Looking at a Blackbird*, um filme de Ana Vaz em colaboração com Vera Amaral e Mário Neto, 16mm transferido para 2K e HD, cor e pb, estéreo, 31min, 2020. Título retirado de um poema de Wallace Stevens (1917), lido por Paula Nascimento.

Atelier concebido por Ana Vaz com a participação dxs alunxs Beatriz Lopes, Diogo Anjos, Diogo Morais, Cláudia Pinto, Fábio Pina, Fábio Melo, Jorge Lopes, Mário Nunes, Nuno Costa, Rodrigo Costa, Sérgio Pereira, e os *re-existent*s Mário Neto e Vera Amaral. Desenhos realizados durante os ateliers presenciais, de Setembro 2019 a Março 2020.

Composto por Nuno da Luz em *Yatra* (Catherine Leigh Schmidt, 2016), ao abrigo de licença SIL Open Font Licence 1.1; e Akzidenz Grotesk (Berthold AG, 1898). Frente presta homenagem à série *Lute Apenas* de Joana Amador e Mariana Lacerda, exposta na Galeria Reocupa, Ocupação 9 de Julho, São Paulo, Brasil — um espaço de resistência cuidado pelo Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), no Centro de São Paulo — no contexto da exposição *O que não é floresta é prisão política*, 2019/2020. Coordenação editorial por Catarina Boieiro. Impressão de 500 exemplares em Risografia com tintas à base de soja, por Desisto., sobre papel Arena Rough 120g/m². © 2021. EGEAC, Galerias Municipais, e autores.

Vereadora da Cultura da CML | Culture Councillor
Catarina Vaz Pinto

Conselho de Administração da EGEAC | EGEAC Board of Directors
Joana Gomes Cardoso, Sofia Meneses, Manuel Veiga

GALERIAS MUNICIPAIS | MUNICIPAL GALLERIES

Diretor | Director
Tobi Maier

Diretora adjunta | Deputy Director
Maria Manuel Ferreira

Adjunta de Gestão | Executive Assistant
Maria da Luz Martins

Secretariado | Secretary
Dulce Castro

Arquitetura de Exposição | Exhibition Architecture
André Maranhã

Performance e Música | Performance and Music
Paula Nascimento

Direção de Comunicação | Communication
Coordenadora | Coordinator
Susana Sena Lopes
Publicações e Residências da Boavista | Publications and Boavista Residencies
Rita Duro

Direção de Produção | Production
Coordenadora | Coordinator
Flávia Violante
Produtores | Producers
João G. Rapazote
Patrícia Guerreiro
Rita Queiroga

Mediação e Programas Públicos | Mediation and Public Programs
Coordenadora | Coordinator
Helena Tavares
Assistentes de Exposição e Mediação | Mediation and Exhibition assistants
Andreia Frazão Pires, Barbara Bulhão, Catarina Nascimento, Daniel Peres, Elisa Aragão, Inês Louro, João Gaspar, Luísa Cardoso, Margarida Rodrigues, Mariana Branco, Pedro Gonçalves

Projeto integrado no Programa Descola da EGEAC, um processo criativo entre artistas, professores e alunos, que as Galerias Municipais acolhem e produzem anualmente. Mais informações: mediacao@galeriasmunicipais.pt

CÂMARA

O Filme é uma música que se pode VER

Segundo a antropologia dos povos amazónicos, os seres nas suas formas múltiplas — humanos, plantas, chuvas, trovões, objetos ou minerais — possuem características próprias e formas de ver e serem vistos. O humano é mais um dos membros de uma teia de relações e não o ponto de vista privilegiado sobre os outros seres. Nesse sentido, toda a perspetiva se faz a partir de um corpo: ver é estar nalgum lugar.

A câmara é o corpo é um projeto colaborativo que visa questionar a centralidade da visão humana — sentido privilegiado do nosso aparelho sensível — através de experiências e dispositivos cinematográficos experimentais que incitem e trabalhem os nossos múltiplos sentidos: tato, audição, intuição, outras formas de ver, ouvir, guiar e ser guiado. Aqui o cinema não é uma forma a ser reproduzida, mas (re)inventada. «O que vemos? Quem vê? O que se vê? Com quem vemos? Que outras potências sensíveis queremos cultivar para além da visão?», de acordo com a filósofa norte-americana Donna Haraway.

Durante um ano letivo, o projeto acompanha um grupo de aluno.a.s através de projeções de cinema, debates, formas de interpretação livre, atividades sensoriais e a fabricação de uma obra coletiva, onde se procura incitar experimentações para um cinema onde uma ecologia de sentidos possa desafiar estruturas de poder, modelos normativos e hierarquias panópticas.

—Ana Vaz

VISÃO ANIMAL

Cada ser vivo com capacidade de visualizar o mundo apresenta visões diferentes. A cobra usa a visão térmica para caçar a sua presa de noite, as abelhas usam a sua visão para colectar o pólen, cada visão é moldada tendo em conta o seu comportamento na natureza, evolução e necessidades. Assim sendo, não podemos decidir que animal vê melhor — dizer isso seria limitar tudo à nossa visão e ao nosso espectro. Mas o humano deseja sempre estar em controlo, perceber e moldar as coisas e situações à sua maneira.

O humano, no seu instinto e no seu pensar, deu significado concreto às coisas, formando assim a sua cosmologia*. Cada um forma a sua, perante o seu meio e as suas circunstâncias, antepassados e cultura. Pesquisar e tentar compreender as perspectivas dos outros seres, seja da visão ou da sua compreensão do mundo, são sempre especulações — e não se trata só dos animais de outras espécies, mas também da nossa.

Desde que nascemos, fomos moldando o saber e absorvendo conhecimentos de senso comum que são acumulados de geração em geração, visões e perspetivas de todos os que viveram antes de nós.

Por isso a nossa visão e cosmologia será um conjunto de todas as visões de gerações passadas. Os povos indígenas são modelos complexos disso, descrevem

a origem do que existe no mundo e fora dele, as relações entre animais, plantas e outros elementos da natureza e da evolução. Sempre pensando e especulando o sentido de todas as coisas, como uma simples pedra.

Cores que seres humanos não conseguem observar, os outros animais conseguem, a sociedade construiu a ideia de que não somos limitados quanto ao saber ou à perspectiva dos outros animais, mas sempre seremos. Nunca saberemos como uma chita se sente ao correr 93km/h, como as baleias se compreendem, ou como as cobras realmente vêem. Neste sentido estamos todos no mesmo patamar em relação ao mundo, todos precisamos dele, habitamos nele e vivemos dele. Devemos abrir a nossa mente perante o que nos rodeia e um dia talvez compreenderemos o porquê. Evoco aqui alguns pensamentos inspirados pelo livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak que lemos juntos este ano.

—Vera Amaral

* Cosmologia é um conjunto de valores, crenças, impressões, sentimentos e concepções de natureza intuitiva (anteriores à reflexão), a respeito da época ou do mundo em que se vive; é a orientação cognitiva fundamental de um indivíduo de toda uma sociedade, num dado espaço-tempo e cultura, a respeito de tudo o que existe.

CORPO